

Vol. VI
Num. 12

(Continua na pág. 187.)

Nota de um diário de Calógeras

Estive com o Tigre às 11 horas, quinze minutos antes, quando veio buscar-me ao apartamento. Estava muito nervoso, parecendo-me, talvez, enervado, que ante certa timidez em enfrentar o presidente do Conselho. Previnia-me das desproporções de gênio desse, de sua brusquerie. Disse que, mais do que de Olyntho, eu teria liberdade para retificar erros correntes postos em circulação, já se sabe por quem, sobre pretensa germanofilia de alguns delegados. Pediu-me ainda para lembrar-lhe a questão da missão e da escolha do general Chamberlain (?) com seu chefe.

Chegamos à rua St. Domingos aos três minutos antes do rendez-vous. Dez minutos depois, em uma ante-câmara lustrada de sala, onde uma multidão de pessoas aguardavam ser recebidas por outros funcionários.

Fomos recebidos. Clemente veio receber-nos à porta, sorridente, amável, grand-papa, com um bonet exquisito, meio bonnet de police, meio passe-

montagne. E logo a conversa se iniciou, amável e cordial.

Olyntho apresenta-me, "Enchaute", diz Clemente, e eu respondendo dizendo a grande honra e prazer que experimento em conhecer ao homem que tanto fez pela vitória. "Alors nous nous reconstruons à la Conférence à 3 heures, n'est-ce pas? Naturellement!" e acrescenta: "Il faudra tacher de travailler ferme. C'est d'ailleurs notre intention, et je tiens tout particulièrement à vous assurer Mr. le Président que nous venons un ami, très chaud de cœur, de la France, car nous éprouvons la vérité de la phrase courante: tout homme à deux patries. Je salue d'abord la France, ensuite. Quant à moi, je suis à demi français, car ma grand-mère est de Strasbourg." "Alors, c'est parfait. On s'entendra. Vous avez des idées avancées, car vous avez trois délégués, ce que a fait enlever les autres. Mais c'est juste, car le rôle du Brésil est grand et peut le devenir beaucoup plus. Est-ce que toute la délé-

gation est à Paris?". Respondi que não; que eu havia chegado em vanguarda para trabalhos preliminares, mas que esperávamos o chefe da missão, e mais membros dela, em 25 do corrente. Aproveitei o ensejo para insistir sobre nossa cordialidade de sentimentos e o desejo de agirmos em plena comunhão de vistas. Acrescentei que indicava ainda o regulamento, ou antes, que só conhecia o que a imprensa havia publicado do meio fragmentário o que me levava a acreditar que certos retróquos seriam talvez aconselháveis. Neste ponto, Clemente ficou mais atento. E eu concluí: "L'essentiel est de commencer. Comme toute machine et tout organisme à l'aura des choses à mettre au point, des détails à rectifier, jusqu'à la mise en marche définitive et aisée. Le plus pressé est de démarrer." "Naturellement, respondeu-me, et y mettez toute notre bonne volonté." Olyntho entrou na conversa falando na missão francesa e, para a chefiar, no general Came-

lin. Clemente surpreendeu-se um pouco: "Je n'ai rien à opposer en principe. Il faudrait qu'il aille au Brésil? Je n'y contravie pas. Il est un peu jeune, mais c'est un brillant officier. Je ne dis pas non". Intervim, então, pedindo licença para contar uma lembrança pessoal e narrei como, à última hora, eu tivera de tomar parte no debate, pois manobras esquisitas queriam obstar a que o Governo contratasse a missão francesa à frente, pelo menos ostensivamente, dessa curiosa política estava o marechal Caetano de Faria ministro da Guerra do presidente Wenceslau, Brazil. Meu discurso permitiu que a questão fosse reservada para debates ulteriores, pois eu sabia que o Exército estava contra esse ponto, e que também assim pensavam o conselheiro Rodrigues Alves e o futuro ministro da Guerra (quer fosse o Alberto de Aguiar, quer o Tasso Fragoso). Dessa forma, já no novo período presidencial, a autorização fora votada e com tanto prazer meu, estava sen-

do agora exercitada. Como eu o presidente do Conselho, a atmosfera era realmente de amizade e confiança. Olyntho parecia-me sensível ao agradecimento e despediu-se, a tanto, a três horas e quinze minutos.

Sai estupefato da reunião, concordância entre a missão do Tigre e a descrição da reunião feita pelo Olyntho, a essa a causa da pequena cordialidade que passou como efeito da nossa Legação, quando lá estava, do contrário, a qualidade apreciável, a honestidade, seriedade, integridade, bondade e paciência, a impressão é, pois, sempre de um tipo incompreensão do mundo que resulta a natural hostilidade, a compreensível desconfiança pelo desconhecimento. Quando em terreno diplomático, uma frase do hosp. s. hostile. Olyntho é um erro e uma fonte inextinguível da fraqueza para o Conselho e, principalmente, para o Brasil. 18 de janeiro de 1934. (Calógeras de 1934 — p. 99, 100).

Pandiá Calógeras -- HUMBERTO DE CAMPOS A política exterior do Império (1888-1934)

O leitor não precisa ser muito atento para perceber, por meio do que o retrato de um ministro na página de frente, porque o gravador, quando tira com os aparatos fotográficos, não prepara o "clichê" da sua Albertina Ely, do Augusto Campos, do João de Deus ou da sua Apolônia Paula, a Polka e a polka, um polka, e os políticos grandes, os outros, que não foram na história da República, no Triunfo, no Lúcio, no Raulo, no João, no S. Pedro, no Raulo e, mesmo no Municipal.

O atual ministro da Guerra, principalmente, está sujeito a essa confusão. De origem grega, tem ele nas veias sangue de Eschilo, de Aristófanes, de Sócrates, de Eurípides, e isso jilua o outro ponto de

referência, bastaria a circunstância de ser S. Ercia, na política nacional, o homem que tem representado, até hoje, maior número de papéis.

Filho de um antigo comerciante de Atenas, estabelecido no Rio com casa de pratos, copas e demais artigos de mesa, o jovem Pandiá foi, desde criança, uma verdadeira criança militar. No estabelecimento do pai ele era um legítimo macaco em loja de lousas; quebrava tudo; e só não "quebrou" a casa comercial do velho porque este, prevendo o fracasso do negócio, liquidou a firma e transferiu-se para Minas, e criar bodes, que lhe pareciam, e com razão, mais obedientes do que o filho.

Em Ouro Preto, onde foi estudar engenharia, estabeleceu-se

a moço Pandiá com consultório médico, especializado em cirurgia. Multado pelo exercício indevido da medicina, fechou a porta e abriu, contra, adiante, com uma placa de advogado. O negócio não era, porém, rendoso. E foi quando ele, quase empenheiro de verdade, travou conhecimento com o estudoso Carlos Peixoto, que lhe deu um conselho:

— Você, meu velho, não dá para a Medicina, nem para o Direito, nem para a Engenharia.

E batendo-lhe nas costas:

— Entre para a política!

Ná Câmara dos Deputados, para onde veio pela não daquele amigo, Pandiá Calógeras especializou-se no estudo das nossas minas de ferro e ouro. Redigiu projetos sobre a matéria, escreveu uma monografia em dois volumes, e o Congresso votou a lei. Mandada ao Executivo para ser regulamentada, não houve ministro que o conseguisse.

— São uns imbecis! — exclamou uma vez, o representante mineiro, ante a incapacidade dos secretários do governo. — Eu, no ministério, porta tudo isto em prática em menos de dez minutos.

Chamado para a pasta da Agricultura, tomou Pandiá Calógeras a sua lei, empunhou um lápis, trançou-se em um dos salões da Prata Vermelha, e passou dois dias, sozinho. Ao fim de cinquenta horas de agonia, saiu, a lei numa das mãos, o lápis na outra.

— Regulamentou a lei, doutor? — indagou um oficial de Gabinete.

E o ministro, desolado: — Palavra d'honra; nem eu... entendi...

Esse primeiro sucesso mostrou que o antigo advogado-médico da Escola de Minas de Ouro Preto era homem para tudo. Nomeado interinamente para a pasta da Fazenda no governo Hermes, pôs em prática, na rua do Sacramento, tudo que havia lido, na Prata Vermelha, sobre a cultura da batata. E mal se habituara a ser financista, levaram-no para a Conferência da Paz, em Paris, onde foi tomado como representante de Venizelos para defender os altos interesses da Grécia.

Conta o dr. Nabuco de Gouveia que, por essa ocasião, foi o dr. Calógeras valado quatro

No sábio convívio da Cantina de Abreu, estudando, meditando, trabalhando, fez-se mestre de história pátria. Pandiá Calógeras, Mestre consagrado, já o era ao publicar o velho livro "As Minas do Brasil e sua regulação" — e, bem maior e mais agora, no enriquecer nossa literatura histórica com "A Política Exterior do Império". E esta obra de sabedoria e valor, e bem sendo realizada com inteligência, cultura e idealismo, em fase silenciosa da vida de um homem, consagrada à pesquisa, ao estudo, ao pensamento.

Lembra-nos, pois, que representa de beneditina paciência, trabalhada numa cela, longe do bulício do mundo, ou no silêncio de uma biblioteca monástica; e pela exaustiva pesquisa — consulta ou análise de documentos, leitura provada em fontes clássicas e modernas da História — um tesouro cujo valor se afirmará maior, ao se tomarem em unidade, jóias e cristais, pérolas e pedras.

A riqueza de documentação e material de estudo, com ser prodigamente revelada, parece-

vezes, por causa dos seus bigodes. A delegação alemã, achando-o parecido com o Kaiser, ofereceu-lhe a coroa dos Hohenzollern. Ele recusou, porém, a prebenda, preferindo ser Kaiser no Brasil, onde o presidente eleito lhe acenava com a pasta da Guerra, que fora, sempre, o seu maior sonho de estadista.

No seu novo posto, o antigo ministro das duas pastas tem prestado serviços relevantes à nação. Após a sua entrada para o ministério da Guerra, tem o Exército recebido uma infinidade de melhoramentos, entre os quais a mudança de fardamento, a autorização para o uso da bengala aos oficiais, e, sobretudo, a substituição da folha de louro pela de acanto na gola de certos uniformes militares.

Pandiá Calógeras é, em suma, um grande nome nacional. Dentro de vinte anos, será presidente da República, — a não ser, está visto, que prefira ser Imperador, por uma portaria do seu punho, que o Exército, imediatamente, fará cumprir no Campo de Santana...

(Perfil). Calógeras, aos 12 anos de idade



Assinatura do Tratado de Paz em Versalhes. Reprodução de um quadro existente no Itamarati.



Eugênio de Castro ("Calógeras" de 1934 — p. 99, 100).

As minas do Brasil e sua legislação

Esta matéria, a segunda parte d'as Minas do Brasil e sua legislação, pelo Dr. Callegaria. Em 509 parágrafos, trata do terreno, do manuseio do cobre, dos combustíveis, de substâncias diversas entre as quais figuram o chumbo e os metais cobreados por indício apenas, o sal e o salitre e finalmente dos materiais para a indústria e construções. As conclusões geram do longo e laborioso trabalho vão de página 273 a 314. Um apêndice dá a importância de origem anti-histórica no Brasil durante o ano de 1903: a soma total em dez meses para o estabelecimento foi de 96.614 635.000.

Neste volume é seguida o mesmo método do que o precedeu: primeiro notícias históricas, depois informações econômicas, finalmente dados técnicos, estatísticos e bibliográficos.

A história do ferro é narrada desacomodadamente, contendo muitas notícias ineditas ou recentemente descobertas. O autor vai sempre ao fundo e nas questões controversas nunca se hesita em dar seu parecer fundamentado. Assim, no debate entre Felício dos Santos e Varilhães sobre a prioridade de Cleópatra ou Varilhães, quanto à produção do metal, segundo os processos modernos, fica de uma vez provado que o beneditino autor do Distrito Diamantino deixou-se enganar pelo intendente dos diamantes, cujo talento incontestável desperdiçava-se em planos grandiosos sem jamais chegar a realizá-los cabalmente um só.

A história da prata, que constitui um dos três eixos da mineração nacional, foi popularizada pelo romance de José de Alencar. Aqui não se tratava tanto de colher fatos novos como de aplicar a crítica às versões conhecidas. Continuam entre si D. Francisco de Souza, governador geral no século XVII, seu primo Luiz de Souza, governador geral até 1821 e seu filho Luiz de Souza, governador de São Paulo, mais tarde estabelecido em Pernambuco, tanto que, a confusão dos dois idóneos, não escaparam Varilhães, nem Pereira de Costa. Confundiram Gabriel Soares, Melchior Dias, Roberto Dias e seu neto. Daí uma erradicação, agora pela primeira vez desfeita, fixando a cronologia, mostrando o papel representado pelos diferentes personagens, graças a documentos recentemente divulgados ou ainda inéditos.

Destes três minerais que tanto deram que fazer, a prata, por assim dizer, não existe; o salitre, porém, quando muito, prestar-se à extinção limitada em Pernambuco; só o ferro existe em grandes proporções e poderá avulsar em nossa economia. Como simples minério, pensa o autor que poderia começar a exportar-se desde já para a Inglaterra e para a Bélgica, principalmente para aquela, estabelecendo navios apropriados a seu transporte e ao de carvão de pedra, que receberiam em penhora.

Dentre os minerais que não tem história, o mais importante é o manganeso; a exportação de pouco mais de mil e quinhentas toneladas em 1904 já era de mais de duzentas mil, dez anos mais tarde, e há o autor, atendendo à prosperidade das jazidas e à excelência dos minérios, que muito mais poderá crescer, se contra esta indústria não forem mobilizadas as forças ferroviárias. Com o manganeso contrasta bem o cobre, anunciando desde os jorros de Candavão, Gabriel Soares e Frei Vicente do Salvador. Armas um

A INDEPENDENCIA

As tentativas efetuadas de 1780 a 1810, durante as primeiras a Metrópole. O próprio malogro de Francisco Miranda, posto de lado a que na expedição de 1808 em Venezuela havia de auxílio inglês, como episódio que também foi, por este lado, da luta europeia entre Londres e Madrid, prova quão exato e o assertivo.

É mais se acentua o traço nas províncias mineiras do que aquelas, mais propriamente agrícolas, como Chile e Buenos Aires. Nestas o reforço local afixava-se preferencialmente à lavagem, e afixava tutela menos estrita das autoridades ultramarinas.

Apesar de tudo, abaixo da superfície aparentemente imóvel, meio e afastamento da Europa exerciam seu influxo. Em certas datas tenazes contra as investidas de filibusteros, no Pacífico, já se nota uma como que alma nacional. Acima de tudo, a repulsa final do ataque de Popham contra Buenos Aires em 1808 sob o manto quase exclusivo do elemento colonial e o rechaçamento de Whitelocke, pouco depois, são a afirmação soberba do novo e forte liame que prendia ao solo do pompa os imigrantes e seus descendentes.

A mais nítida e completa tradição histórica e geográfica dessas analogias e desses contrastes, ostenta a linha litorânea das duas reas.

Por mais lata a interpretação dada ao meridiano demarcador dos domínios das duas coras pela bula de Alexandre VI e pelo tratado de Tordesilhas (1493), a fronteira na Sul-América seguiria de Norte a Sul a pouca distância, para Este, da foz do Amazonas.

A agitação espanhola, a fixação do elemento humano na zona do planalto andino na região alto-peruana, haviam permitido, em menos de dois séculos, que a iniciativa energética chela de laeas audazes, dos lusitanos no Brasil recusasse o limite de 25 graus para OESTE, quadruplicando a área primitivamente fixada pelo direito convencional a favor do trono de Aviz.

E esta fora a conquista genuína e exclusivamente brasileira, gloriosamente levada a cabo pelos paulistas bandeirantes e pelos desavassaladores de jazidas.

A mina, condutora de homens na América espanhola por só permitir terra pobre na mesma jazida, fora, ao contrário, causa da arrimação no domínio fronteiriço; pois rapidamente esgotados depósitos e corridos, se impunham novas descobertas em zonas de terra para mais adiantadas. O avassalamento ao solo pelo sereno a dentro fixando no chão abundantemente regado do sangue dos conquistadores, e mais ainda dos índios vencidos, o liame entre as duas nacionalidades do Novo Continente.

Fato curioso, mas lógico, onde a expansão partida do Atlântico menos se fazia sentir, fora na zona do sul, onde a súlida controversa da Colômbia do Sacramento refletiu o conflito entre dois movimentos a melhança, antipodicamente falando: a dilatação para Sul das bandeiras paulistas; a ampliação para Norte do centro que, em breve, se constituiu na foz do Prata.

Em conjunto a iniciativa brasileira modificara em favor dos lusos a antiga partilha continental. Fora esta de cerca de 2 milhões de quilômetros quadrados para Portugal, e de 16 milhões para Espanha, em fins do século XV. Passara a 8.12 para o primeiro e a 9 milhões para o segundo, trezentos anos depois. Que mais bela afirmação de vitalidade dos povoadores da foz do Atlântico?

E como se compreende, que um povo capaz de semelhante esforço se sentisse desanimado e engrandecido para sujeitar-se a compressão de uma metrópole, que, sem compensações, lhe sucava o fruto do trabalho, possuindo população menor do que a da colônia, área territorial minúscula e estado social no nível inteiramente comparável ao da província americana...

E natural pensar, ainda, que o simples rolular dos germes existentes de desintegração bastaria para, cedo ou tarde, por zonas talvez, levar as colônias a se separarem das metrópoles. Talvez fosse o Brasil o primeiro, a breve prazo acompanhado das províncias espanholas de labor preponderantemente agrícola, Buenos Aires e Chile, onde a extração do cobre não tinha a importância que hoje tem, vindo em último lugar as regiões mineiras. Obdição tal seriação ao desenvolvimento do espírito nacional em cada uma das circunscrições mencionadas.

O inverso aconteceu, sob o influxo de um choque vindo da Europa. E ali, se matare houve-se de novas provas de como não ha fatos isolados, nem história particular, mas que tudo se prende e se existem manifestações ou repercussões locais da história geral do mundo; aí, repetimos, encontráramos mais um exemplo a ilustrar a teoria da interdependência dos fatos humanos.

Foi a questão do Oriente, pena ante os povos europeus desde a invasão dos Trúfios e dos Cimérios, mais recentemente desde o aprisionamento dos Turcos no Bósforo; foi a partilha do Império Otomano, qual planejada em 1807, em Tilsit, entre Napoleão e Alexandre da Rússia, o ponto de partida do abalo profundo, cujas ondas, atravessando o Oceano, vieram solapar e derruir na América o poderio peninsular.

Nas maréas do Niemen levou-se o primeiro lance da partida de que resultou a Independência.

O nexo que prende toda a diplomacia napoleônica é o grande sonho da conquista do Oriente, a reconstrução de um Mediterrâneo latino, que nova cruzada, sem intuídos religiosos, entretanto, pila Ásia afóra. O sonho imperia que desde os príncípios dos séculos humanos periodicamente povoa cérebros privilegiados e sacode o mundo em convulsões de dor nas tentativas, impossíveis de vingar, de sua realização prática. Da expedição do Egito à campanha da Rússia invariavelmente permanecem esse movimento altíssimo, do que nos forneceram latentemente todos os documentos da época, a começar das próprias confissões do imperador francês.

Em 1807, venciada a Áustria e aniquilada a Prússia dominadora, a Itália, com suas colônias na Dalmácia e em Corfú, o único obstáculo continental à conquista da Turquia, primeiro passo do plano gigantesco, era a Rússia. Após Eylau e Friedland, o Caar, derrotado, decidiu-se a negociar. Em Tilsit, a sós, delinaram os dois déspotas o plano de ação comum.

Ficou decidida a partilha otomana, sem fixação de delimitações, entretanto, pois o trecho essencial do território, os Estreitos, era igualmente e com tenacidade inflexível rubricado por ambos.

Nunca estivera Napoleão tão próximo de realizar seu sonho. Mas, para executá-lo, com uma linha de comunicações com o E, e extirpá-la pelos vales do Pó e do Adige, pela cadeia dos Alpes e pelas ilhas Jônias, indispensável era prever a possível ameaça de posições flanqueadas das duas partes, e a via que ligava a França seus exércitos. A Áustria, aliciada de terer. Mas a Etrúria, entregue aos Bonapartes, não a causar receios por sua situação marginal.

Por outro lado, embora dos mares, a Inglaterra, era necessidade vital, para o êxito do plano napoleônico, não possuir essa eterna adversária, ponto de apoio em terras do Mediterrâneo, em que pudesse basear a ação de tropas de desembarque ou em realizar a atividade de suas esquadras, perturbando as comunicações contra a Porta.

Orá, em vésperas de Jena, no ano anterior, a Espanha, apesar do validismo repugnante de Carlos IV, dera motivos de desassossego, e o Imperador não podia consentir em ver seus planos atravessados por uma península Ibérica entregue a Wellesley, que por ato do Governo de Madrid, que raptava para a porta de Lisboa, aliada secular da Grã Bretanha.

Para aliviar a tais perigos, os autocratas, na entevista de 1807, deliberaram secretamente eliminar os Bourbonas da Espanha, dando esta a José Bonaparte. Como compensação ao Rei da Etrúria, se lhe entregaria parte do Portugal e Norte; o território restante seria dividido em duas porções, das quais a central, o Tejo e Lisboa, ficaria em poder dos franceses, como fortaleza avançada contra a Inglaterra no Atlântico; a meridional seria a Gódey Príncipe da Paz, em paga de sua complacência criminoso em servir Napoleão junto ao rei da Espanha e a rainha Carolina. A Carlos IV caberia o título de rei, logo após a vitória sobre a Inglaterra, uma vez restituídas as colônias, por este país arrabaldadas.

Para sobre eleito tal combinação, era imprescindível se mantivesse absolutamente secreta e fosse executada com a maior rapidez. Por tais motivos, não foi comunicada senão ao príncipe rei de Espanha, José. Nem sequer os ministros dos dois Estados a conheceram, e o tratado, como único indício de projeto, incluiu apenas a intenção de se fizesse ao rei de Portugal, para que houvesse de fechar os portos de suas costas aos ingleses e de confiar a propriedades destes em terras lusitanas.

Carlos IV, sabedor do intento de partilhar o reino, viu, prontamente aqueceu em auxiliar a empresa, permitindo a passagem de tropas por território espanhol, e al previu que abria as portas a invasão que o aparia do próprio trono.

A situação era mais favorável aos portuários do que a dos vizinhos. Porém, incoerente de planos mais altos, Carlos auxiliava a sua própria destruição; enquanto o Príncipe da Paz, prontamente cedeu o rei do perigo e sentindo que seria a perder em mãos do poder formidável da França, agindo por si próprio, com mandato da Rússia, apanhou decisão almejava a vitória do conflito, caso este se travasse.

A partida de campo dos fatos partiu a D. João I, a idade de resolver adotar a herdeira de sua dinastia, nascida nos, enquanto Carlos IV e seu filho Fernando caminhavam para a Lomânia e a lada de Bayona.

Ao passo que pai e filho mostravam que, nas alturas do trono, não tinham as nobres e cavalheirescas virtudes de Carlos, este, em revulsas sucessivas, animadas em breve, pela Junta de Cadix, rehabilitava a tradição viril da nação, e se levava a pelear, não após a proclamação do rei José, mas após a queda de Cadix e do rei da Junta na ilha de Jave.

Em Portugal, outra se revelava a feição do caso político. E costume apresentar-se a corte peninsular qual festiva de Jave, e ante as forças de Junot. Quer-se interpretar como ato de covardia um ato, muito ao contrário longo e mantido no pondrado, após deliberações em que se fizeram ouvir os conselhos mais autorizados do Reino, e perante solução dada pela Inglaterra, para no Tejo uma esquadra sua, que cobria a frota portuguesa até o Rio 1.

Resolvido pelas mais altas e sérias reflexões políticas, o rei o aliviar todos os efeitos colimados. Que melhor justificação da orientação seguida?

Em fins de 1807 e no decurso do ano seguinte, surgiram, pois, fatores novos e gravíssimos na evolução das colônias peninsulares. No Brasil, a latente expansão separatista, a luta para a dirigir, o próprio impulso impresso pela transferência da sede da monarquia na capital colonial, no Rio de Janeiro, o impulso progressista e coordenador, a um tempo, como nexo entre as várias capitais.

Nas terras espanholas, desde logo divorciadas do poder intruso de José Bonaparte, a função automática, com regularidade administrativa, uma disposição imperativa da "Real Partida em caso de vacância do governo metropolitano, encerrava a vassalagem e estabelecia-se a autonomia governamental das Colônias. Assim se deu, era o início da "jaração" com a inconcência. Tanto que, no movimento generalizado que deu origem a Venezuela e Buenos Aires, em 1809, explodiu, como protesta contra a usurpação bonapartista, em todas as Juntas formadas era proclamado o dever de respeitar os direitos do leitoiro sobre a Espanha, já então D. Fernando VII.

Inda assim era a separação da metrópole, e era o rompimento dos laços que faziam de toda a América uma colônia única. Cada Vice-Reino, assim tornado autônomo, nunca se submeteria à preeminência de um qualquer de entre eles. Desde então formaram-se os grupos de Nova Granada, do México, do Peru e do Rio da Prata.

Certas questões essenciais existem, nas quais a vitória, após a luta, só é possível, abolida toda e qualquer iniciativa conservadora, eliminada qualquer viva de ânimo transacional. Tradicional e ceder, e a primeira concessão faz ruir o edifício, assim pois desenvolve suas consequências. Certos conceitos políticos, definam um dogma, são uma como que revelação do absoluto. Não se negocia com o dogma. Não se mitiga o absoluto. A tradição não deve formar bloco, íntegra, não, sem fratura pela qual se afiltra elemento dissolvente. Bem o compreendeu a Igreja, que armou contra a Reforma a coraça das Decretos Tridentinos e contra o modernismo as recentes encíclicas de León XIII e sobretudo, de Pio X.

Mal se pôde combater o que já uma vez se consentiu. Em Espanha, em 1798 contra a opinião clarividente do ministro Aranda, havia reconhecido aos Estados Unidos, sob o pretexto do assim, por política anti-britânica, o princípio da emancipação

(Continúa na pág. seguinte.)

TRÊS NOTAS SOBRE CALÓGERAS - João Rios

A POLÍTICA EXTERIOR DO BRASIL

Como já se sabe, o Brasil tem uma política exterior que se caracteriza por uma certa hesitação, por uma certa indecisão, por uma certa falta de firmeza. Isso se deve a uma série de fatores, entre os quais se destacam a falta de uma escola política, a falta de uma tradição política, a falta de uma consciência política. O Brasil não tem uma escola política, porque não tem uma tradição política, porque não tem uma consciência política. O Brasil não tem uma escola política, porque não tem uma tradição política, porque não tem uma consciência política.

PROBLEMAS DE GOVERNO

Os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política.

PROBLEMAS DE GOVERNO

Os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política.

PROBLEMAS DE GOVERNO

Os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política.

PROBLEMAS DE GOVERNO

Os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política. No Brasil, os problemas de governo são, em geral, problemas de ordem econômica, social e política.

CALÓGERAS -- J. PIRES DO RIO

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.

Calógeras é um livro de J. Pires do Rio, publicado em 1934. O livro trata da vida dos calógeras, que são monges ortodoxos que vivem em comunidades isoladas, dedicando-se à oração e ao trabalho manual. O livro é uma obra de ficção, mas baseada em fatos reais. O autor descreve a vida dos calógeras de uma forma muito interessante, mostrando suas dificuldades, suas lutas e suas vitórias.



CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Carta de Afonso Arinos a Pandi Calógeras

Meu querido Pandi,
Como tem passado o tempo, desde que nos encontramos em 1912. A vida tem sido muito interessante para mim. Estou muito feliz com a vida que estou levando. Estou muito feliz com a vida que estou levando. Estou muito feliz com a vida que estou levando.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Carta de Alberto Rangel a Calógeras

Meu querido Pandi,
Como tem passado o tempo, desde que nos encontramos em 1912. A vida tem sido muito interessante para mim. Estou muito feliz com a vida que estou levando. Estou muito feliz com a vida que estou levando. Estou muito feliz com a vida que estou levando.

No Brasil de 1840- (Trecho de *Pândia Calógeras* estudo)



em 1817, quando no Rio de Janeiro representava em Versalhes.



Calógeras, montada a cavalo, quando ministra da Guerra

BIBLIOGRAFIA DE PÂNDIA CALÓGERAS

Aos que desejarem conhecer o sumário da bibliografia de Pândia Calógeras, indicamos a volume publicado na opinião de seus contemporâneos, publicado em 1934 por uma comissão composta dos senhores Roberto Simonsen, Antonio Gontijo do Carvalho e Francisco Soares de Oliveira.

Organizado, pelo sr. Gontijo do Carvalho, aquele volume reuniu uma série de preciosos estudos e pesquisas sobre Calógeras. Da sua parte do seu material nos socorremos para a elaboração desta obra, particularmente, registando as notas biográficas de estudos lidos ali retirados, e constando dos artigos Família e Biografia, publicados pelas senhoras G. C. — que pertencem a Gontijo do Carvalho.

Ali, ainda assinada G. C., en-

ra Lema, Tribunal sem apelação, como se justificaria novo julgamento da causa julgada, por arbitrar desta vez? Não havia base, em geral, para os protestos fundados nesses argumentos.

Ao contrário tinham plena razão na censura ao procedimento sistemático da Inglaterra, de não pagar as indenizações a quem fora condenada nos seus próprios tribunais, por apressar-se a fugir.

Obteve o apoio de suas vontades isopistas. Tão extremamente ao presente que nem sequer o "Foreign Office" respondeu aos as notas do Rio ou da Legação de Londres sobre assuntos de tráfico.

O que se passava no mar, tinha seu equivalente em terra, com o desembarque dos cativos e sua venda. Chefes de partido e membros de governo não eram alheios a inconvenientes da escravização e sabiam o muito que eu tava essa mão de obra aparentemente gratuita. Procuravam lealmente esconder a origem do abastecimento. Mas o sentimento geral da classe agrícola era outro e tinha a sinceridade de uma convicção. Ordens e medidas emanadas do alto, eram destituídas de respeito e desobedecidas pela massa dos fazendeiros e das classes que os serviam. Descaído da lei, que os ingleses, mal informados atribuíam a má fé oficial, quando era mero reflexo da impotência governamental.

So por 1856, com a energia de Eusebio e o estudo mais fundo do caso, começaram a notar os próprios interessados que a paz de opiniões sinceras, havia larga exploração de revendedores de carne humana. Nesse comércio, dominavam portugueses. Pelo mesmo ano de 1838 negociantes de escravos mais importantes que se citavam no Rio, dezenove eram portugueses e doze, apenas, brasileiros. O mesmo se dava quanto aos navios.

Sentia-se a necessidade de modificar tal estado de coisas. Seriam novas negociações ou novas leis internas, para substituir a mão de obra servil e proibir as entradas de africanos. A lei de 1831 votada no Parlamento terminou o tráfico de escravos, mas não pôde ser medida, cotejando alguns algarismos em datas características.

Elemento substitutivo, as entradas de emigrantes e a chamada de colonos eram fracasíssimas. Não chegavam a formar corrente; por vezes não atingiam por ano a um milhar. Crescia o país, entretanto sem parar em seu desenvolvimento. Apesar de impedições e de dificuldades graves, o surto pode ser medido, cotejando alguns algarismos em datas características.

O movimento comercial de 1817 a 1841 havia sextuplicado. Ano de 1817 — Exportação 8.309.000\$ — Importação 5.563.000\$ — Total 13.872.000\$900.

...

foi a base de que partiu Eusebio para conquistar o voto da lei de 1850.

Precursor prematuro a 7 de maio de 1835, Cornelio Ferreira França propôs a extinção do elemento servil, dentro no prazo de vinte anos.

Entabularam-se negociações com Portugal; sondaram-se os governos sul-americanos; tudo para se combinar uma ação resolutiva comum. Ante a recrudescência da campanha anti-escravista dos Comúns, em 1835 assinou-se um ajuste complementar do tratado de 1826, mas a Assembleia não se pronunciou sobre o ato. Sob os auspícios da benemerita Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional fundou-se, em 1835, uma Sociedade de Colonização, para proteger e auxiliar os colonos imigrantes.

De fato, tudo era agitação. Trabalho real, eficiente a preparar soluções, só havia a iniciativa de Barbacena. Completa a inércia das autoridades a tolerarem, quando não eram convenientes tráfico e desembarque quase públicos.

Por mais irritantes e vexatórios que fossem, alvo do furor escravocrata, eram os cruzados ingleses o único instrumento persistente, tenaz, contínuo, de desorganização do sistema servil. Violavam lei e tratados. Eram exercidos sem o necessário critério. A diplomacia britânica, inábil em vez de desarmar, antes provocava oposições políticas da classe agrícola. Tudo isso é certo. Mas agiram. Venceram indiretamente: não pela repressão efetiva que nunca alcançaram; sim obrigando os homens de responsabilidade a refletir e congregarem esforços em torno de Eusebio.

Não os malinemos pois, nem os condenemos em bloco. O ideal cristão altíssimo que os inspirava, servia a humanidade e de, portanto, ao próprio Brasil.

...

...

...

...

...

...

18.311 contos em 1830-1841. A despesa pública andava nos mesmos períodos, por 4.702 contos 12.837 contos e 22.712 contos. A dívida pública em 1840, regulava por 44.240 contos, a externa calculada em 30 d. por 39.271 contos, a interna fundada, havia 39.953 contos de papéis moedas 5.388 contos em letras do Tesouro e flutuante e em uns 1.500 contos de diversos precedentes. Já estava sobre do o problema do cobre.

Para todas essas providências, como para o governo geral do país, entretanto, uma grande dificuldade surgia na confusão de competências criada pelo Ato Adicional. Quem sabia ao certo se, para determinadas medidas, era necessário recorrer a funcionários gerais, a aos das províncias ou mesmo aos dos municípios. De 1834, logo em seguida ao voto da reforma, os atritos e os protestos haviam vindo a público tanto mais violentos e convencidos e insistentes quanto mais aturada fora a experiência, a prática do poder de quem criticava. A fraqueza ingênita do governo regencial era outro estorvo.

Dai as duas correntes, ambas visando fortalecer a autoridade que tantas causas perturbavam por combalir. A primeira interpretaria o Ato Adicional e foi a lei de 12 de maio de 1840. A segunda, foi a antecipaçã da maioridade do soberano já estudada em outro capítulo. Ambas colimavam, por termo à anarquia dos textos, à confusão das intervenções e aos motivos de entorpecimento da tarefa governativa, pela instabilidade de ação do chefe do Estado.

Com o triunfo dessa dubiê-faina, estava terminado o papel da regência. Desceu do fastígio político certa de haver cumprido seu dever, todo seu dever, quanto lhe permitiam a época o ambiente e os recursos.

No meio assim criado a estrutura seus, entregou o poder ao monarca.

Ta o sr. D. Pedro II começar o seu reinado.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

Carta de Martin Francisco a Calógeras

São Paulo, 1922. Nov. 15 — Rua Conto Magalhães, 28.

CALÓGERAS — Saudes. — Saudades do par ao par — Aos muitos parabéns, que a d. S. n. h. envia Ze por estares aliado das nações administrativas, anexa os meus. Felicitate por te haveres retirado do governo com o acerto intuído, a consciência a primo, o aplauso dos competentes e a tua vontade dos p. s. s. m. s. Abreindo o ilustre parêntese ao amonitório, que persegue a pista da qual foste ministro de verdade e a serventaria efetiva, correspondente a especialidade dos teus amigos. — Adeus. Ocupa-me a tua ordem, sempre, a gratidão e amizade do.

Martin Francisco — "Calógeras" de 1934 — página 837.

AS MINAS DO BRASIL E SUA LEGISLAÇÃO

(Continuação da pág. 185.)

balho do dr. Calógeras não pode deixar de possuir quem se interessa pela história e geografia do nosso país.

O terceiro e último volume, contendo a justificação do projeto do Código mineiro, apresentado à Câmara dos Deputados, será publicado dentro de poucos dias.

"Jornal do Comércio" de 9-VII-905. ... Capitão de Abreu (Calógeras de 1934, pág. 33-34)

O CANCRO

— Henri Barbussc

"Então, terminando a consulta. A filha, a mãe e os dois médicos estavam parados em meio a um silêncio. Ficaram ali por um tempo, e depois, era velho. O velho, então, deu a palavra. Ele tentava explicar a situação de seus filhos e a morte que lhes aguardava. A filha, então, deu a palavra. Ela tentava explicar a situação de seus filhos e a morte que lhes aguardava. A mãe, então, deu a palavra. Ela tentava explicar a situação de seus filhos e a morte que lhes aguardava."

— Casos letais... e eu meto-me a falar de morte.

Baixou a voz, recostou-se de percoando o paciente, e também por causa da solidão da condenação a morte.

O outro balançou a cabeça em sinal de assentimento, — direção de simplicidade. Calaram-se ambos com o ar estúpido das crianças que foram encontradas em falta. Tornaram-se a falar, depois.

— Que idade tem ele?

— Quarenta e três anos...

O outro observou:

— Tem sorte em chegar a essa idade...

— Ao que a filha retorquiu, filosoficamente:

— Com efeito, foi sorte. Agora ele não continuaria mais a envelhecer...

Havia um silêncio. O homem da barba escura murmurou:

— Eu sou o doutor, pela poluição, estendendo a cabeça da criança.

— E, tocando com o dedo um ponto no pescoço:

— Está inchado... Está...

O outro moveu a cabeça. Depois, não se levantou. A sua cabeça parecia enfiada por um invisível fio de linha. Ele dizia:

— Substância tumoral e lesão...

— Não, não, não. É o velho mestre, com os olhos brilhando, numa voz sinistra. Só uma operação conveniente salvaria esta criança, a guilhotina... Além, a generalização da infecção vai em pleno progresso. Ele tem nos seus pulmões sub-maxilares, sub-claviculares, e sem dúvida, também nos seios. É fulminante. As vias, — a respiratória, a circulatória, a digestiva, — em breve estarão obstruídas. O extenuamento será rápido. Suspirou, sem se mover, com um cigarro apertado na boca, a face rígida, os braços cruzados. O jovem não se assentou, apoiando-se no espaldar da cadeira, e lambendo a mão no maxilar do fôlego que os dedos lúbricos. Um dos dois disse:

— Quando nos achamos em face de casos como esse, parecemos os vãos, que, numa espécie de desespero, o cancro sobre escolheu a lutar para se desenvolver?

— Mas, que responderei à jovem esposa?

— Diga que é grave, muito grave. Faça um ar vendendo... Não que os recursos infinitos da natureza.

— A frase é vulgar...

— Tanto melhor, disse o outro.

— Se ela insistir, quero-o saber?

— Não explique em caso nenhum. Volte o rosto para evitar-lhe o olhar.

— Não dar nenhuma esperança a pobre mulher! Ela é tão jovem...

— Justamente por isso a esperança não se formava, grave. Meu filho, não há necessidade de dizer tais mentiras. Se servem para nos salvar de ignorantes e nos tornar odiosos.

— E ele saberá?

— Não sei. Na ocasião em que o examinava, você viu como se tentou adiar-lhe as coisas, conhecia o seu estado, provocando-lhe respostas. Uma das vezes, pareceu-me que de tudo descobria; uma outra, talvez sentiu que tinha tanta certeza na verdade quanto em própria.

De novo se calaram, durante alguns instantes. Dir-se-ia que os dois sábios ali estavam mais para silêncio do que para discutir. Não tinha mudado de lugar, e pronunciavam aquelas poucas palavras com dificuldade e precaução.

Depois, recordando a horrenda forma que mais uma vez tinham visto de perto, eles se aventuraram a pensamentos mais precisos, mais. Ele prosseguia o trabalho obscuro que se fazia nos seus estudos. Então, em uma frase:

— Aquilo se forma como uma vesícula...

O velho começou de falar sem se interromper:

— Como uma criança... O germinar age sobre a célula, como dimensões. Lanceram-se a brincar de spermatozoos. E um micro-organismo que penetra a célula anatômica, selecionando, impregnando-se nele, põe-no em vibração, dá-lhe uma "vida própria". Mas o agente excitador desta atividade intra-celular em vez de ser o germinar normal da vida, é um parasita.

Qualquer que seja a natureza desse "primário móvel", — seja o "microcoque deformans", ou o agente ainda inexplorado do bacilo de Koch, ou qualquer outro — a verdade é que o tecido parasitário canceroso evolui, ao produzir, exatamente como o tecido de um feto.

Mas o feto morde. Há um momento em que a massa embrionária, enfiada no ventre, se solta, por assim dizer, do útero. Constituída de células membranas superficiais, que Claude Bernard, na sua terminologia profunda, chamava "blastemas", o feto está formado e vai nascer.

Quando se trata de canceroso, não se acaba nunca. Continua a crescer, sem cessar jamais no seu desenvolvimento. O tumor, desta feita, não mais é um feto, mas um organismo, um organismo de dois caracteres: "surgido" que são os chamados "tuberculos" de boa natureza", feto (tecnicamente embrionário) e não pode evoluir num sentido harmônico e saudável. Diferente, se não o contrário, será sempre mais acentuado uma forma. Seção cancerosa, começa a proliferar. Os pólos metes, procura numa propagação de novos e cresce por isso. Que poder e novo corpo contra essa carne que tem se enfiada nela? Que poder o equilíbrio tão frágil e tão fraco das nossas células contra essa vegetação insensível, que, no meio de nós, sangra e dos nossos órgãos, e através da circulação dos ossos e da rede dos tecidos, injecta uma massa insólita e imunda.

— Não o cancro e, no entanto, o tumor da pálida, em caso de opressão a infinito.

O mais jovem fez um suspiro, balançando a cabeça, e disse, com uma profundidade que foi de estranhar não ser onde o conforto da ideia do infinito:

— É como um conito, que absorve...

Estavam agora sentados um de frente do outro, com as cabeças bem próximas:

— É pior ainda do que o que nos dizíamos, continuou o jovem, com uma voz tímida, presa.

— Sim... um, disse o outro.

Não nos aturamos em presença de uma moléstia local, agitada de misteriosamente. Não se via, como em geral de creença ou um simples segredo interno. O cancro nem mesmo é contagioso. Alguns dizem que uma criança pode ser infectada rapidamente e curada, toda uma categoria de enfraquecidos de uma das formas elementares do cancro humano.

É um estado geral a que o mal é necessário. Poder-se-ia dizer que a doença morde e que pode o parasita. O seu organismo é o que o "quer".

O Parasita, talvez, não haja mais do que um só, que se desenvolve segundo os meios e para os diversos órgãos apropriados, em diversas moléstias. A bactéria, nem ainda não deixou de selecionar.

Quando ele tiver aprendido a falar, há de espalhar, sem dúvida, essa notícia, que virá dar a noção de uma grandeza ainda mais trágica, do que a sua grandeza presente.

Quando a mãe, eu acredito na unidade parasitária.

A teoria está em moda disse o

velho mestre. E sempre. Em qualquer caso, é preciso reconhecer que a Química e a Física, a medicina que se desenvolveu, tendem por todos os modos a unidade dos elementos materiais e das forças.

Assim, é posto que não haja nenhuma prova irrefutável que haja ou não provável quanto a essa simplificação terrível de que você falava há pouco?

— Sim, tornou o outro, como se refletisse. Todas as doenças são feitas com as mesmas coisas. É a mesma vida impenitente que nos conduz a todos, para a morte.

O velho murmurou, tornando a sua voz também mais tímida:

— Isso dá a todos os uma fraternidade igual no mal e no nada.

O outro pensou na morte, o infundido, pequeno que se semeia nas terras a semente pavorosa, sem esse microcoque em papel até hoje sempre foi considerado inerte, e ao lado no qual passavam os abissos sem dar alento, o "clerum termo". E abissos nos interiores prosaicos, e vive as células nos indivíduos vivos. E, de que, mais, terreno hostilizado, se transforma no staphylococcus dorado, o agente de faringite e do antrax que mortifica os carnes. E é de que, nos indivíduos doentes, se transforma no bacilo de Eberth, autor da febre tifóide.

O homem de ciência, tomava um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

de uma doença em geral. Tomava

um ar mais sério e esmagado, a moléstia que se perverva o nome do inimigo até hoje viciado.

— E ele, enfim, cur, um

Falava, porém, com uma

Exatidão, a constituição

bram entre o tumor e o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

— O tumor, então, é o tumor.

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA - 2ª Série - Antologia da Prosa - XIII - Aníbal Freire

Aníbal Freire nasceu em Pernambuco, em 1898. Foi advogado, jornalista, escritor, crítico literário, professor de Direito, e de 1941 a 1944, foi diretor da Faculdade de Direito do Recife. Foi também professor de Direito na Universidade de Pernambuco e na Universidade de São Paulo. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Foi também professor de Direito na Universidade de Pernambuco e na Universidade de São Paulo. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

Em 1909 prestou concurso na Faculdade de Direito de Recife, onde foi professor de Direito Administrativo. Em 1912 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1914 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1915 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1916 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife.

Em 1917 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1918 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1919 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1920 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife. Em 1921 foi nomeado professor de Direito Administrativo na Faculdade de Direito do Recife.



ANÍBAL FREIRE

BIBLIOGRAFIA DE ANÍBAL FREIRE

- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.
- *Os problemas da cultura brasileira* — Rio de Janeiro, 1923.

FRAGMENTOS - ANÍBAL FREIRE

O mestre é um amigo. Não há maior desvantagem do que para o mestre do que contemplar a mocidade, agitada pela febre dos seus ideais. "L'enseignement, c'est l'amitié", dizia Michelet. O mestre é um amigo, o companheiro talvez mais experimentado, mas nem por isso menos cheio de alegria serena. É a amizade sincera, a amizade que se desdobra e alarga essas expansões, que a reciprocidade dos sentimentos inspira, criando essas laços de afecção mútua, que os tempos não consomem e são na vida puramente bem e fecundo estímulo.

sem desfalecimentos ou queixas, me premeiam com as decepções e amarguras. Não lhes sinto os efeitos, nem as injustiças malbaratadas no ato de agulhar a verdade, podem entrar os homens públicos no cumprimento dos deveres.

Humanidade é otimismo. A humanidade não é a negação, não é o ceticismo, não é a intolerância. A humanidade é a certeza, que desbota no espírito aos primeiros instintos da razão e se transmite em atitudes sucessivas, como elemento de estabilidade e coesão moral e para que se volvem as esperanças e as angústias, resumindo-se o poder do seu supremo intérprete nessa força, que já se viu exemplar no verso celebre:

Não nos envidecemos de orlões nos outros povos, mas prestamos, em bem do futuro do mundo, nos resguardar das competições instintivas, grossas e violentas, continuando a trajetória da paz nesse ambiente de emulação reparadora para o bem, para o progresso, para a grandeza!

ALGUMAS FONTES SOBRE ANÍBAL FREIRE

- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.
- A MANHÃ — Notícias do Rio de Janeiro, 1923.

A função das Universidades - Aníbal Freire

A crise dos regimes novos caracterizou-se sobretudo pela necessidade da atuação da cultura geral, da cultura espiritualizada, metódica, alheia de preconceitos sectários. A tendência positivista, que a superficialidade no exame dos fenômenos da história e da civilização afiança, julga sempre por termos materiais e que muitas vezes não são a realidade de situações transitórias. A contribuição que subtrai o mundo, estabelece novas aspersões das relações morais e sociais, torna mais diversos os domínios da sensibilidade. Mas, se por um lado a cultura moderna se deve adaptar às contingências criadas por essa subversão de valores, tem a dever essencial de gerar — e a isto está sua maior força — com a a fundação das ideias, que infiltram a aurora nos espíritos, gerando a iluminação nas suas fontes de inspiração e decora e vai alimentando pelo contato a abstração do sentimento da ordem.

O bem do ostracismo. Onze anos de ostracismo português em plena mocidade,...

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Aspéctos da questão social —

Discurso de parainfo, pronunciado na
colação de grau dos bacharéis da
Faculdade de Direito do Recife,
em dezembro de 1911.

—Anibal Freire

Vã temeridade da do neófito, que, ao defrontar esta tribuna, não sentisse palpitar a recordação das que a enobreceram e ilustraram, nas justas esplendências do pensamento e do ideal. Bem-fadada a intuição dos que criaram essa pragmática, para que, no instante da despedida, mais uma vez fraternizem os nossos sentimentos e abramos o sacrário da alma para as orações da esperança e da amizade.

Que a luz aumente o acervo dos atos de vossa alta benevolência e simpatia, indo buscar no recessos de sua obscuridade um dos últimos dos vossos mestres, no merecimento e na própria disposição dos estudos, para vos servir de parainfo nesta solenidade.

A vossa mercê leva-me a fazer o noviciado nesta tribuna, que guarda vivas e resplandecentes tradições.

Os anais desta casa conservam na sua perennidade os lúmens entoados por tão bons engenhos à causa do direito, em alguns dos quais cintilam as coruscações do gênio ou sobressaem os traços da eloquência incomparável dos antigos, com esse "aliquid divinum", que é a essência da oratória, na sua irradiação e na sua força.

Não aspirava à honra com que distinguistes a minha humilhação. Mas, pelos seus antecedentes, pela sua espontaneidade, considero-a estímulo e alento.

Fujamos de praticar a cortesia, sob qualquer dos seus aspectos deprimentes e fermentidos. Não procedi de outra forma convosco. Sem desdenhar das conquistas da opinião, o homem público, adito ao papel de guia pela relevância do seu labor tem de robustecer a sua autoridade no próprio exemplo da consistência na exação do dever.

Falando de Brunetiere e em alusão ao método do mestre de conferências da Escola Normal de Paris, d'Haussonville põe na boca do filósofo inflamado pela crença o conceito dogmático — o ensino é a autoridade. Mas a autoridade não se pode erigir como expressão antinômica do afeto. Nas relações entre professores e discípulos, aquele elemento a atos da autoridade disciplinar e sobriedade com os toques da sentimentalidade o que o instinto e a prática do mando sugerem e aparelham no benefício comum.

Não é o melhor mestre o que lisonjeia as paixões dos jovens, não sobreando as suas ansiedades pela voz da experiência, que discerne, pela persuasão, que convence, pela justiça, que adverte. O que eleva o professor no julgamento dos seus alunos é o sereno cumprimento do dever, é a harmonia das qualidades fundamentais do mestre na arte difícil de ensinar — a sobriedade, a clareza e o método, a serviço da probidade intelectual incontestável. Ensinar e aprender não são expressões antipodas; são conceitos que se completam e se polarizam, de maneira que o ideal do mestre deveria ser realizar como lema, para o seu fóro íntimo, o veraz e expressivo — *Disco docendo*.

Mais do que nenhuma outra, a nossa profissão de cultores do direito precisa apurar, para sua realce e eficiência, a auto-defesa contra as infiltrações dos sentimentos e ideias nocivas à comunhão social.

Homens de governo, devemos ser os elementos de resistência contra a anarquia, garantindo a todas as classes a expansão de sua atividade consciente e assegurando ao país o equilíbrio e vitalidade indispensáveis ao seu florescimento e à sua grandeza. Legisladores, e sobretudo para os homens de direito, nas assembleias constitucionais, que se aitem as vistas de todos, nos graves debates de que resulta a solução dos problemas do momento. Magistrados, encarnamos a própria justiça, na magistralidade de seus desígnios. Lástima é que a maculem imperfeições e desvios, importando no nosso desprestígio, e na sua decadência. Advogados, seremos, por vezes, em nome da lei, a oposição do direito ao arbítrio, fazendo resplandecer nos pretórios o sentimento do justo. Assim havemos de ser sempre, em todas as contingências da vida, os guardas do direito, na aplicação de seus postulados, e na defesa de seus dogmas.

A hora presente reclama de todos nós atenção vigilante e serena. O direito, suprema expressão da vontade coletiva, tende a democratizar-se, pela maior amplitude do espírito de solidariedade social. Fenômeno da vida real, não lhe basta o mínimo ético, de que fala Raneletti.

No desenvolvimento dos seus aspectos, tem de acompanhar a evolução das ideias e sentimentos contemporâneos, para ser o reflexo da vontade comum. Não se pode inspirar apenas nos desejos ou no interesse do mais forte e inelutavelmente há de corporificar nos seus estatutos as aspirações, tendências e ansiedades dessa grande massa de infelizes ou oprimidos, que constituem os baixos das classes sociais.

Num livro conceituoso, o professor Gaston Morin expôs a "revolta dos fatos contra o código". Revolta contra certas leis que se alicerçaram em anacronismo, não se dobram à realidade das coisas e permanecem, com as suas arestas e defeitos, como instrumentos de compressão e fatores dos movimentos de vingança. Passou o período de hibernação do direito, que tranamudou de face. O direito social tem de refletir o espírito de solidariedade entre os homens, procurando atenuar os ri-

gores e aquietar as exaltações da formidável luta de classes. E quantos progressos realizados no curso dessa evolução!

No direito público substituíram-se as antigas concepções realistas por princípios consentâneos com a liberdade civil e mais tarde o caráter individualista das doutrinas cedeu terreno ao espírito de realidade e precisão das instituições e das leis, adaptando-as não ao interesse único do Estado, na sua essência e finalidade, mas aos interesses da comunhão social. E a guerra última, a maior na história, pela complexidade dos problemas que envolveu, tranamudou, no mecanismo das instituições, os valores das corporações políticas, forçando a aparição de novos processos e práticas de governo e relegando por vezes para terreno secundário a supremacia das legislaturas em assuntos até então de sua exclusiva competência.

Essa evolução, no sentido da democratização das funções e simplificação dos sistemas, tem de aceitar-se com maior relevo no direito privado. É uma espécie de direito novo, que se instaura nos grandes domínios jurídicos, no domínio das relações de família, no domínio da vida econômica, pela remodelação dos contratos sob a base social e pela extensão do espírito corporativo.

Das próprias nascentes da produção jurídica surgem elementos que podem servir de obstáculo à expansão das ideias anti-egóticas. A propriedade absoluta favorece o desenvolvimento das grandes fortunas. O direito de associação sugere o aparelhamento dos trusts formidáveis, muitas vezes subordinados a uma direção singular.

O direito aparece, no fragor dos conflitos e dissensões provocadas por esses contrastes da vida, como o instrumento regulador do equilíbrio geral.

O famoso jurista Edmond Picard procurou recentemente em *Les constantes du droit* erigir a síntese do direito, com o propósito de ver nele "o direito mais alto, mais belo, mais útil, mais forte social, mais força da natureza". As colunas do templo são as grandes generalidades permanentes, os eixos dessa construção. Mas esses pontos altos, que se destacam no terreno em que se debatem os grandes interesses humanos, foram igualmente atingidos; não se povoaram de neve, que indicaria a gelidez e a descrença, banharam-se do sol da justiça entre os homens. Símbolo perene da vida, flagrante e promissora realidade, o direito não pode ser, nos tremendos embates da hora presente, a negação da verdade, a classe do mais forte, o apanágio dos privilegiados.

Há de ser por meio dele que se poderão atenuar os agravames e as esperanças da questão social. Esta não tem de ser resolvida, nem pelos processos utópicos nem pelos processos anárquicos. Dentro da ordem jurídica, o direito proporcionará, pela influência das ideias de solidariedade e interdependência dos diversos fatores da riqueza social, as fórmulas necessárias para conciliar interesses díspares.

Na história dos nossos destinos sociais e políticos podemos distinguir três épocas, que não de completar o ciclo, dentro do qual se constituiu e solidificou a nossa nacionalidade.

Uma preparou a construção jurídica, ensinando o direito e propagando o exemplo a liberdade. É a obra dos evangelistas da nossa profissão, tão martirizados na profundeza do seu esforço e tão velados na pureza e tenacidade do seu ideal.

A outra época aproveitou-se desses elementos culturais para realizar dentro da ordem o trabalho de transformação material, porquanto por estabelecer o novo adiverto econômico, pelo surto de tamanhas energias. É a obra dos técnicos, dos homens de iniciativa, auxiliando as administrações previdentes e progressistas, que fazem a honra da nossa história política.

A terceira incumbirá o papel de resguardar esse patrimônio da destruição. Será a obra dos que, tutelando o direito formaram o espírito na liberdade, opondo a razão à anarquia, que desencadeia na sua marcha ascendente os furores da selvageria, oprimindo e abate as consciências, provoca a interrupção de ditaduras anômalas, cruéis e vindicativas e abre na vida da humanidade sulcos profundos de dor, de miséria e de fome.

Não podemos criar um mundo, à semelhança do que ideiam os ferventes e os utópicos, diferentes na essência e nos aspectos daquele que a realidade nos apresenta. Podemos, porém, pela solidariedade entre os elementos vivazes das sociedades, desfazer arestas, contornar dificuldades, satisfazer aspirações legítimas dos que trabalham e dos que sofrem.

As revoluções políticas aparecem na superfície do mundo e tocam apenas nos linchamentos, sem chegar à estrutura básica. As revoluções radicais penetram fundo o cerne das nacionalidades, alteram substancialmente as condições de vitalidade e força, desmoronam instituições tranamudas a própria organização moral criando novas formas de sensibilidade e apurando os instintos de destruição e culpa. E para evita-las que os homens de boa vontade se devem concertar, crentes e esperanças num destino novo.

A guerra foi a "erupção de crises brutais", a

crise do direito das gentes, a crise econômica, a crise política, a crise social. E o armistício, que não as resolveu e sequer lhes diminuiu a intensidade, foi o prelúdio de uma nova crise, a cujo desenvolvimento teremos de assistir, vigilantes e precatados, procurando ao influxo da lei, deter os seus arremessos.

Aspirando à honra dos sufrágios da nação para o posto de seu primeiro magistrado, há 14 anos, o nosso grande mestre, sr. Ruy Barbosa, cujo "espírito se inflama no culto da justiça", abraça no amor da humanidade, preferia não malquistar a consciência com os próprios silêmbios e propagou, ao em vez de ideias libertárias, os princípios atos da democracia social. A mesma que preconizava o cardeal Mercier, favorecido aos operários de Malines, "essa democracia ampla, serena, leal, em uma palavra, cristã", a democracia que quer assentar a felicidade na classe operária, não na ruína das outras classes, mas na reparação dos agravos, que, até agora, ela tem curtido.

É esta a linguagem dos homens de fé e sinceridade, não a dos apóstatas do socialismo, os sistas inescrupulosos ou políticos de costume latado e ideias oscilantes ao sabor de seus interesses. E na graduação das realizações práticas, mais vale a ação de uma política financeira, visando a fortuna dos imensamente ricos com recursos aplicados a obras de solidariedade humana do que o ruído e o tumulto das fações libertárias de ideias sangrentas e conquistas oprobrias.

O problema social não pode encontrar solução nos processos violentos, que geram a anarquia e os seus aspectos mais dissolutos. Tem de se manter por uma orientação que não exprime sentimento parcial. O contrário seria erigir como sucedâneo de um sistema que se inquina de falso e desumano outro, que iria buscar as suas origens no ódio e na vingança entre os homens. Os ideais de solidariedade social, vão penetrando nos domínios econômicos e conduzindo, pelas lições da experiência já proveta, a política mais acentuada de previdência e cooperação.

Nada vale para o rotundo que a humanidade prossegue a mudança de uma dominação por outra, a simples transição entre o império do capitalismo e a ditadura da plebe.

A política econômica tende a gravitar em redor de pontos capitais: a organização da produção sob bases mais justas e conciliatórias, tendo como consuetário a solidariedade nos lucros e a extensão sistematizada do espírito corporativo. Interessamos o operário na sorte e na prosperidade das empresas que ele alimenta com o seu trabalho e fazamos compreender aos detentores do capital, mal avindos a aceitar as sugestões da bondade, o tráfego o momento em que a justa distribuição das riquezas não pode ficar imolada à culpa.

Organização, proteção, solidariedade, tais os polos da questão social. Os próprios factores doutrinares do radicalismo evoluíram do caos para a ordem. Na fogueira russa felicemente se arderam as garavatos da autocracia e a sua fatal consunção histórica que o mal se isolou, no benefício da civilização e da humanidade.

Em 1900 o mundo operário vivia dominado pela ideia de greve geral; em 1920 dominou o projecto de nacionalização industrializada dos serviços de utilidade pública.

Por isto, o sr. Maximo Leroy, que pôs em relevo essas etapas, estudando as técnicas novas do sindicalismo, observou que a "ideia antiga era ponderar poderes e a ideia nova coordenar funções".

Ides agora penetrar a vida pública. Dela não conheceis, antes de transportes os humbrais desta casa, senão os aspectos interessantes, provocados pelo entusiasmo, quic, pela ingenuidade e exaltados pela desamblação e pelo desinteresse.

Tereis de defrontar depois com os sortilégios e os embustes e muitos dos vossos sonhos sutis se hão de delirar ao contacto da realidade e no instante em que as decepções vos sombrearem o entendimento, a vossa alma se penetrará de doce e luxurioso saudade dessa época primaz da juventude. Tratal, pois, de retemperar o vosso caráter, torjando-o nas duras refregas da vida e exaltando-o nas lutas nobilitantes do pensamento.

Quando a intolerância política do regime de Luís Felipe quis confinar o pensamento de dois grandes mestres do Colégio de França nos âmbitos de um oficialismo bestardo, deprimente e odioso, Edgar Quinet, falando aos alunos que o confortavam com a sua solidariedade indefectível, indomáveis o caminho do dever com as seguintes palavras: "Sejam quais forem as circunstâncias em que nos acharmos, não cedamos jamais um ponto na dignidade do espírito ou nos direitos da vida moral".

No momento da despedida, os vossos mestres, que aqui se reúnem, não fazem outros votos nem clamam de vós outros compromissos. Que o vosso caráter vos preserve das erosões profundas do mal e o vosso horizonte mental se dilate, cultivando o direito, praticando a justiça, servindo a liberdade.

(Discursos)

CONTEMPORÂNEA - 2.^a Série - Antologia da Prosa - XIII - Anibal Freire

BRASIL-ARGENTINA-

Dr. Luis Mitre:

...mo-nos neste amavel convivio, para festejar a latitudade, na formosa e irradiante espelha da sua cultura pelo jornalismo portuego. O centenário da nossa independência política proporcionou-nos a honra de vossa visita e homenagem por certo evocada em nossa saudade transmarina profunda, não desperdiçaria em nossa sensibilidade vibração mais intensa e duradoura.

O nome de Mitre, que por força divina, a repetição na história argentina como símbolo do labor constante e patriotismo indefeso, representa em nosso coração como ponto de encontro e representa em nossa visão de contemporaneidade da aproximação, que durante por muitos anos se vem tecendo entre os povos irmãos. Mas do que a força dos tempos, na riqueza e equilíbrio de seus textos, ponderáveis no exame e balanceio da direção da política internacional, os símbolos, que não a tutelares, como o vosso, ao especificar, evidenciam mais fundamente na manutenção dos contemporâneos o culto da amizade imperceptível e culta quem cristalizaram na consciência popular, dando a ideia as proporções, a unidade, a harmonia e a fulguração de legenda.

Assim o nome de Mitre no coração dos brasileiros. Aprendendo-lo na escola e com ele penetrando em cenário mais amplo. Foi o historiador da revolução de 1810 a força propulsora dessa ideia que não desista e se ostenta agora em tantas nossas moedas de circularidade e estima. Participando nas batalhas ou culminando na administração e na imprensa, foi sempre para nós o amparo que se imprimou na consciência e se retemperou das injustiças sofridas com a perseverança da fé e, fluindo das suas forças dadas e refugio de espírito, jamais deixou de servir a causa da fraternidade americana, qualquer que fossem as condições em que as circunstâncias o colocassem diante de seus patriotas.

Que a sorte que a fascinação desse nome não, através das vicissitudes nem declives. Revivendo na plenitude e no labor dos filhos, Mitre há de ser o signo da plenitude da amizade entre os dois povos, que se doiram do mesmo sol da vitória e se alternaram nas mesmas conquistas de paz.

Seguimos a mesma paralela; nenhum dissenso nos separa; a essência da latitudade nos aproxima, nos seus anseios, nas suas aspirações e nos seus desígnios. A trajetória dos nossos destinos históricos fez-se para o mesmo ponto de convergência. A ideia da emancipação afluente aos mesmos impulsos e correu nos dois territórios através das mesmas lutas, em que a liberdade parecia que se batia-se no cerceamento do qual a salvaram a unidade dos elementos culturais e essa doce e serena expressão de bondade, que, no meio das lutas mais asperas, é nosso apaziguamento e nosso parâmetro. Os colonizadores, que desbravaram os vastos campos impressionantes pela solidão, guardam em memória de suas atitudes aparentemente singulares, os bandeirantes de nossa raça, abrindo por novos terrenos adustos as primeiras estradas e marcando as nossas ambições espaços mais vastos e horizontes mais luminosos.

As figuras dos vossos libertadores também se destacam nos nossos, dos mesmos sonhos e corações se destacam os nossos. Mariano Moreno, de quem um dos mais modernos dos vossos historiadores, o Sr. Mitre, no livro *L'Argentine devant l'histoire*, diz

ser o primeiro dos vossos tribunos, "insurgiu, como Banton e Mirabeau, na hora do holocausto, como Robespierre". Estas palavras se acentuam ao supra da convenção francesa e atitudes na vitória tem o relevo da fidelidade de sua criação. Mitre, Mariano Moreno, o primeiro dos vossos tribunos, a General de la, a quem a justiça vem em história não infeliz para lembrar a latitudade e a história pela causa da independência brasileira.

Sob o aspecto rigoroso da configuração política, as instituições do vosso país orientaram-se no sentido de modelo diverso daquele em que se constituiu o nosso. O animo aventureiro de vosso povo permitiu-se sempre a liberdade de adotar símbolos acordos com a intuição dos sentimentos nacionais. Nos outros tivemos na aparência mudanças de regime; mas não a realidade nem a ideia da liberdade. Afirmamos que o rótulo das formas de governo jamais teria as profundezas da nossa nacionalidade e cinquenta anos de fustigo de um imperador, que era um democrata corado, podem com justiça figurar no capítulo dos sistemas liberais, mais fortalecidos no amor dos direitos públicos e resolutamente empenhados no prestígio e respeito das instituições. Mesmo aí, as nossas ideias não se deram; combinaram-se, justapõem-se, como lições de experiência política diversificada e vivaz.

O mundo, que se está criando, em substituição ao antigo, requer novas formas de autoridade e tem de inspirar-se inevitavelmente em formas mais amplas e seguras de justiça e solidariedade entre os homens. As democracias não são somente o regime da liberdade dentro da ordem; são sobretudo o regime da igualdade perante a lei e a justiça. As ideias têm de se acomodar aos fatos, afinal de que possam conservar a sua força de persuasão e eloquência. Já a subordinação clássica expressava-se pela voz de Boecio na condição de um bom governo não é que os portões sejam cobertos de decretos; é que a justiça habite na alma dos homens.

Democracias iguais as nossas, que nasceram para a liberdade e nela prosperaram e cresceram não podem deixar de saturar-se dessas ideias. O animo igualitário não significa o preconceito das massas sobre a parte culta do país; distende-se em linhas mais amplas e abrange perspectivas mais claras. Não exclui a inteligência nem a proleção da direção que a natureza dos fatos lhe reserva. Mas, para que os regimes sejam duradouros e se solidifiquem na ordem, não haverá diferenças que possam desviar a corrente natural da mentalidade moderna. Neste instante decisivo em que instrumentos, como "La Nación", têm de ser utilizados, é mo ascendência legítima sobre a opinião.

A direção do mundo novo tende a transformar as nossas regiões em ponto de confluência da grandeza futura e para essa tarefa de reparação social formais como o vosso, serão os mais úteis colaboradores, servindo de anteparo a injustiças, exatidão e deturpações. A tradição que Mitre vos deixou e tendes conservado, foi a de nunca se deixar subalternar a interesses de facções e a bravura moral nas individualidades predilectas a solidão e ao refúgio entre os seus irmãos e não tanto afrontar as esperanças dos adversários, mas saber resistir pela força serena às solicitações dos próprios adeptos.

No artigo com que o Sr. Jorge Mitre abriu o número de "La Nación", consagrado ao centenário da nossa independência definindo o objetivo dessa comemoração, que tão alto falou ao nosso resolu-

Saudoso ao Sr. Luis Mitre, diretor de "La Nación", de Buenos Aires, no banquete de Jockey-Club, do Rio de Janeiro, em setembro de 1922.

Anibal Freire

...mento e apreço, há os seguintes toques e pontos:

As armas da Argentina e do Brasil, nas duas últimas e afiladas ocasiões em que se uniram, foi para cruzadas de liberdade.

Quando os Exércitos irmãos da colônia americana adquiriram a noção de que as suas liberdades de ligação subconscientemente correspondem a um nobre postulado, cada ação assumida logo a manifestação do relevo promissora desse futuro. Deverá sempre-se nas corações a ideia internacional e então certos atos, como este exemplar, terão sua correspondência a uma concepção.

Ficou assim resumido, com admirável precisão, o rumo da vossa jornada intelectual.

Realmente tendo mantido em todas as fases da política internacional a atitude de um combatente sereno, convencido da profundidade de sua missão. Nem sempre o acerto do julgamento dos contemporâneos compensa o esforço do jornalismo. Poucos como os vossos das nossas terras têm sido mais golpeados pela maldade e pela sofisticação. Condição a frase de Hemusat a um jornalista que ele acabava de designar para uma viagem: "Mais cher ministre, dans votre ancienne profession vous affirmiez ce dont vous n'êtes pas sûr; dans la nouvelle il ne faudra même pas affirmer ce dont vous n'êtes pas sûr".

Não guardastes a conveniência ao silêncio por pugnas jornalísticas e as vezes que se afirmam de cima, em que vos cobremos, se tem feito entrar a verdade, nas manifestações de fé ardente pela grandeza de vossa terra, maravilhosas de opulência e de força, pela cooperação de todos os homens no seu futuro e por esse trabalho sadio e persistente — tão grato à nossa emotividade — de lutar a alma argentina e a alma brasileira, do qual tem sido "La Nación" o fecho mais arguto, desinteressado e fiel.

Esse espírito profundamente social, que faz de vosso órgão o favorito e privilegiado das aspirações populares e o meio a buscar para incluir em suas colunas os luminosos das letras e das ciências nos outros países, dando assim ao seu conjunto feição de alto espiritualismo democrático, se ele bastaria para dignificar a vossa tarefa e exalta-la como uma revelação das forças divinas da existência, que se desdobra na fé e se dilata no amor da humanidade.

Conheci os versos do poeta francês, que descreve do sonho, em que o trabalhador lhe diz: "prepara teu pão" e o fiandeiro responde: "prepara tuas vestes por tuas próprias mãos" e ao abrir os olhos, na dúvida da abundância, que se ergue, no ver os campos semeados e as oficinas em trabalho, começou a amar a humanidade, os humildes e os bons, com esse reflexo de Deus sobre as almas.

A estatutária grã, ao modular no matutino a figura da Vitória alada, destinava um baixo-relevo à Vitória alada, a Vitória — em suas que a vitória dos vossos ideais de fraternidade se livre sempre nas alturas, rasgando o infinito das distâncias e vencendo as sombras que tentem obscurecer o curso do voo altaneiro.

Recebi pela "La Nación" essa homenagem fraternal. Na sua espontaneidade, ela vos diz que não semestres em vão e a alma brasileira marcha para a alma argentina, pela estrada da fé, a luz dos mesmos clareos, que nos hão de conduzir à meta dos destinos comuns.

(Discursos)

Louvor a Pernambuco - Anibal Freire

Analisa de proporcionar-me, nos momentos mais gratos da minha carreira de homem moderno. O cumprimento do meu dever político realizou-se no vosso contacto dos tons do alto, de júbilo e confiança. O horizonte de minha vida moral se amplia sempre que se me repara oportunidade de me encontrar convosco. Só a imprecisão material da chegada a estas plagas se nimba desde logo de encantamento e de luz, fonte emerge das ondas como se a trouxessem à superfície correntes invisíveis. Nenhuma aspereza, nenhuma desharmonia, nenhuma aresta na sua configuração. Essa rigidez de linhas e a paralela de sua filiação moral e de sua índole divina.

FRAGMENTOS

(Continuação de pág. 188.)

Princípios e na história do pensamento universal não de ficar na trilha da nossa inconsequência pela rua da humanidade e pelos anseios da Paz. (Discursos) — pag. 110.

Abrigo da minha mocidade, mundo pela tua posição primordial no continente. Nas etapas da nossa filiação política o teu papel predominante tem sido o da fidelidade, do desinteresse e da intrepidez. E sob esta filiação de civismo e de honra que batalhamos e vencemos.

(Discursos), pags. 134-146.

de Jorgem Pernambuco
ste ben
Impressões espectros na
complicados e entapados
vicio me
— Jorgem

"Fica a similitude de um autógrafo de Anibal Freire."

ERRATA DO NÚMERO ANTERIOR

No nosso número anterior, à página 186, sob o título "Herédia em Português", traduções de Belisário Vieira da Cunha, saíram as seguintes incorreções: — no soneto "Desalarão" os dois primeiros versos do segundo quarteto devem ser lidos assim: —

"Um boieiro, talvez a buzinar, avulta
Isolado gufando o sedento armento"

No intitulado "Resaca", o último verso do primeiro quarteto deve ser lido desta maneira: —

"Bando de aves do mar ousadamente estocam."

O primeiro verso do segundo quarteto sobre a seguinte modificação:

"Uma após outra e outra a que outra mais se comessa"

Finalmente, o penúltimo verso do segundo terceto do "Carpinteiro de Nazareth", leia-se deste modo: —

"Envolve, na sombria estância da oficina,"

A PINTURA MODERNA NO BRASIL

QUIRINO CAMPOFIORITO — Raul de São Victor

Quando se trata do número de AUTÓCRATAS E LIVRES a pintura moderna brasileira, importante e justa, pois o seu desenvolvimento não se trata de um talento artístico, como porque ele representa uma grande conquista da arte moderna no nosso país.



Foto: Revista de Quirino Campofiorito

Campofiorito é o primeiro e o único pintor que na Escola Nacional de Belas Artes, insubstituível nos seus estudos, descobriu as linhas que realiza no sentido das novas ideias artísticas.

Em suas obras, pintura moderna

apoiado em bases sólidas, e permite criar além dos horizontes já atingidos.

Não se pergunta ao artista moderno se ele fez os seus estudos desta ou daquela maneira; exige-se que, na sua obra, ele revele

Só os meus colegas poderão responder a esta pergunta. Eu sou cego para apreciar o que produz dentro do "movimento moderno". Poderia encarar a minha modesta obra dentro do ambiente simplesmente da Arte. Então teria coragem de dizer que sempre produzo animado por realizar uma pintura desprentenciosa e sem nenhuma intenção preconcebida no sentido plástico. Valorizo muito a liberdade de pesquisa na Arte que evolui para traduzir os anseios de uma civilização que despoja e que dará ao homem condições sociais novas. Acredito que os artistas devem cada vez mais se fazerem livres de preconceitos e fórmulas, porque senão se tornam estranhas ao movimento evolucionista que tem atingido todos os setores da inteligência. Foi isto mesmo não gosto da "Arte Moderna". Gostaria que o meu ilustre jornalista me perguntasse pela minha obra no ambiente da "Pintura Livre", daquela em que o artista é com porcento instinto. Para mim Arte é instinto e só a liberdade de pesquisar no seu próprio instinto dá ao indivíduo possibilidades para realizar obra duradoura. O instinto fixa a personalidade técnica, e ventila a inteligência para a seleção e interpretação dos assuntos.

Repto que não posso encarar a minha própria pintura no movimento moderno. Isto me



talento, organização, cultura e experiência. Pintar mal, pintar errado não é fazer arte moderna, e os artistas que procuram iludir o público atiram pouco esclarecido a respeito das novas tendências artísticas não conseguem passar despercebidos aos que, senhores desses conhecimentos, lhe notam os erros, os subterfúgios e as falsidades.

Felizmente as novas gerações já estão se formando cheias de saber e livres de limitações e preconceitos, graças a um poucos artistas de talento que generosamente lhes ministram o resultado colhido através de anos de sólidos estudos, aliados ao gigantesco esforço de libertação que empreenderam. São os estudantes hoje despertados para novas ideias e guiados pelos caminhos conquistados, sem se aperceberem muitas vezes da valiosa dádiva que recebem.

Entre estes mestres Campofiorito se distingue, não no pelo valor que demonstram possuir os seus alunos como Percy Deane e José Moraes, que já são artistas de mérito, como pela cultura que possui e da qual tem dado provas através de brilhantes conferências e artigos que constantemente publica.

Passamos a transcrever a série de questões que lhe foram enviadas e cujas respostas publicamos, acompanhadas de um auto-retrato do artista, da reprodução de dois de seus quadros e do "fac-símile" de suas assinaturas.

Como encarar a sua própria pintura dentro do movimento moderno, e qual o ponto de vista em que se encaixa com referência a sua arte?

— Quais as suas primeiras experiências e realizações?

— Quando estreou em público?

— Quais as premiações que obteve, os principais encargos artísticos que realizou?

— Quais são hoje as suas aspirações?

— Existe, na sua opinião, diferença entre "arte acadêmica" e "arte moderna"?

— Cre que haverá conveniência em que seja criado, no Brasil, um Museu de Arte Moderna?

— Qual deve ser o critério de seleção e de classificação dos trabalhos, no caso de um estudo geral da arte moderna brasileira?

emprestaria a convicção de estar nele integrado. Não tenho certeza disso e só os meus colegas poderão um dia determiná-lo. Estou, é verdade, por várias circunstâncias ligado a este movimento. Entre estas a de ser um defensor renitente e convicto da Arte dos nossos dias que eu adjectivo de "Livre" ou "Instintiva" e que é conhecida pelo qualificativo de "Moderna". Qualificativo provisório até que se faça "passadista" um dia Livre ou instintiva ela o será sempre e com orgulho irá para a história onde documentará o instinto e os anseios de liberdade da nossa época. O que não traduz as características de uma época, não é Arte e sim "artefício". Não façamos confusão.

Talvez sem o saber tenha respondido a esta sua primeira pergunta, meu prezado Raul de São Victor. Devo, entretanto, insistir.

Não posso encarar a minha própria pintura dentro do "movimento moderno" brasileiro. Dou-me por muito feliz de poder apreciar os grandes valores que hoje se estão impondo, alguns bem jovens, e intensificando um movimento de arte moderna. Assim nos detém possuídos por uma vaidade incommensurável pelo futuro da arte brasileira.

II — As minhas primeiras experiências e realizações foram em ambiente de espírito bem diferente do em que me acho hoje em dia.

Outra disciplina guiava os meus anseios artísticos. Assim caminhei os anos em que obedeci ao aprendizado da Escola Nacional de Belas Artes. Posso dizer-lhe que tenho saudades desse tempo. Eu era também sincero e mais feliz. Hoje duplicou-se em mim a sinceridade, porque sou muito mais eu mesmo. Mas não sou tão feliz. Passei a ver a Arte por um prisma muito mais complexo, porque a quero atingir com todos os meus recursos instintivos. E assim a estrada se tornou muito mais árdua, se bem que mais heróica. Estrada longa e cheia de surpresas. Mas não são surpresas que desanimam. Pelo contrário são surpresas que reanimam, estimulam, e nos convencem que a meta é sedutora, muito embora jamais a alcancemos. Oh! as miragens da Arte...

Depois que me desliguei da disciplina anterior e pude tentar uma aventura nova, sempre me conduzi com a intenção de viver sem receos nem comple-

zos e sobretudo sem a vaidade de vencer a qualquer custo. Não sei se por uma educação espiritual e que sempre me sublinhei desde menino, salta-me a luta leal e de frente a competidores de real capacidade. Vencedor ou derrotado, sempre dedico ao competidor a melhor admiração e o mais sagrado respeito. Não desprezo jamais aqueles em quem admiro talento. São o meu estímulo e os meus pontos de referência.

III — No Salão da Associação dos Artistas Brasileiros, criei que em 1926. Em seguida no Salão Nacional de Belas Artes (1937) quando obtive a Medalha de Bronze.

IV — Não gosto muito de ouvir falar em prêmios. Sobre tudo em prêmios honoríficos. Como eles fazem mal aos artistas. Sobre tudo aos de temperamento vaidoso. Quando os ganhadores passam a medir o próprio valor pelo número destes prêmios, quantas vezes caídos, sei lá de onde, por um descuido. São risíveis inimigos dos prêmios honoríficos. São prêmios estimulos à vaidade e prejudiciais à capacidade. E ainda representam um pretexto da fonte de onde emanam para negar aos artistas prêmios mais concretos e concretos, que lhes permitam tirar partido material para a vida sempre tão difícil. Por isto permito-me esquecer sempre que possuí os meus prêmios honoríficos. São poucos e verdade, mas muito além do meu real merecimento. O único prêmio que realmente valorizo é o penhorado da Escola Nacional de Belas Artes, que me permitiu partir para a Europa em 1930 e lá permanecer quase cinco anos. Isto sim vale como possibilidade de estudo e não como lauréol simbólico que nada emprestaria à minha capacidade artística, que deve ser apreciada em toda a sua realidade.

Sou professor da Escola Nacional de Belas Artes e isto constitui para mim uma justa vaidade. Vejo que também sou vaidoso. Logo aquilo que disse anteriormente não foi para me fazer de modesto. Vendi até hoje um terço apenas do que produzi. Encargos artísticos de muito não pude realizar porque colegas mais espertos "patroaram-me sempre a frente".

V — A minha única aspiração é poder guiar a minha doutrina artística paralela às condições intrínsecas do meu caráter. Se a minha obra falhar e



"Aquecendo a comida dos camaradas", Outubro de um retrato de Campofiorito para pintura mural. Figurou no Salão de 1939 e foi recentemente adquirida pelo Sr. Morcondes Filho, ministro do Trabalho



"A mulher do operário", de Quirino Campofiorito

Carta ao sr. Octavio Tarquinio de Souza - Sylvio
Rabello

— Recebi a sua carta e estou acompanhada de uma cópia do Sr. Nelson Romero, diretor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no que me coloca entre aqueles que quanto ao meu problema têm — (Inscrição de Sylvio Romero) — tenho preliminarmente de agradecer a sua gentileza, dando-me, como diretor, a coação "documentária" brasileira, que é, absolutamente, a única que se pode ter. O telegrama que precede esta carta é, portanto, em conteúdo geral a mesma coisa. Aqui confirmo o meu propósito de confiar do professor de 1930 a 1931 do Sr. Nelson Romero. E mais fácil e mais justo. Seria muito mais que eu não poderia. Porque, meu caro Joaquim, deixar o nome do Sr. Nelson Romero no prefácio, seria impoer a quem devo lembrar e os dados sobre Sylvio Romero para atender no outro momento, não é modificar o texto de uma carta parte — seria

uma d humanidade. Eu me copleio.

Em primeiro lugar, o sr. Nelson Romero confessa na carta dirigida a você, agora mesmo, a deturbação dos meus olhos, que leu as provas do "Itinerário" e que ele considera perfeitamente ilícito, por ter muito delicada a compreensão do "segredo profissional". Em seguida, elogia qualidades que dix existirem no livro, ao mesmo tempo que discorda de várias das afirmações dele. Como o "Itinerário de Sylvio Romero" se destina naturalmente ao público é um direito seu, esse de elogiar e discordar — direito, entretanto, contestável antes de aparecer o livro. Ainda mais adiante, cita estranha coisa que a tivesse citada a propósito do pai de Sylvio Romero — o velho André — um trecho do livro de Sebrão Sodrino — "Tobias Barreto, e D'conhecedor" — de maneira incompleta. Entende o sr. Nelson Romero

ro que a situação deve vir por
dentro, tornando-se claro que
o velho André foi "uma das
principais personalidades" de
Lagarito, ao seu tempo, e não
apenas "um contadador arru-
inado e dementado".

Ai está meu caro Turquino,
uma lembrança do neto pelo avô
que acho louvável e que respeito
com a mais profunda sincerida-
de. Explique-se, assim, a intimi-
dação que ele faz por seu inter-
médio; ou talvez de retirar-lhe o
nome do prefácio para que não
pareça que concorda com o per-
tido do velho André, traçado no
livro ou será de completar a
citação do trecho de Sabão
Sobrinho, para que o mesmo fi-
cando André recorra do alívio da
sua cova como "uma das
principais personalidades" de
Lagarito.

Demorei-me neste ponto, a considerar a minha falta, e alguma falta cometi. Voltei a examinar o livro de Sobrão Sobrinho, cotejando o trecho referido com a citação que fiz. No capítulo "O menino e o homem" afirmo que o velho Anacleto era "uma figura popular em sua terra." E logo depois citi o veraz Sobrão: "velho, alto, espigado, cabeleira bastante encanecida, grossa bengala na dextra, peregrina as ruas de Lagarto, vociferando contra o novo regime, satisfazendo as necessidades fisiológicas onde tivesse vontade, saudando ao Baco onde despassasse..." (Sobrão Sobrinho — "Tobias Barreto, o Desconhecido", p. 77).

De fato, a citação está incompleta. Interessava-me, apenas, como traço característico do pai de Sylvio Romero, aquela parte. Este é o meu ponto de vista.

O resto é que vem em seguida, nada acrescenta ao perfil. E daí, depois, seria uma crueldade compilar a citação, como intitulou o sr. Nelson Romão. Uma crueldade, digo eu, que não atingiria apenas ao velho André, mas a toda a família Brasileira. Abra, você o Sebrão à página 77, nota 6. Lá está o trecho. Começa como começa o velho alto, expiçado, etc." e quando chega ao vício do velho, diz Sebrão claramente: "...saudando a Baco onde de se fosse - e isso até que o levou sem para casa, onde a consorte, bom amada, com quanto velhinha, mas sempre santa e linda, muito bela alçada, o recebia com toda a paciência de seu supremo deusvelo!"

Se o sr. Nelson Romero desejasse que eu completasse a citação, a esta a citação completa. Mas não o faria jamais no meu livro, não somente por uma questão de bom gosto, mas também por uma questão de simpatia humana. Ainda cinco linhas mais abaixo, Sebrão se refere à morte do velho André, em consequência de "molestia decorrente da idade". Imagine você, meu caro Tarquínio, se tivesse feito a citação na íntegra, do "trecho" a seguir: "O velho André morreu de câncer de próstata".

Sobrinho. — Você o velho André não se cessa à liquidação de, em plenitude, satisfazer as prementes necessidades ao pé dos muros de sua vila e que gostasse de tomar um: o seu gelo de cachaca nunca vez por outra. Mira um hábito de seu, como era o de vociferar contra o regime republicano no Brasil. Mas por que haveria eu de acrescentar que o velho André não entrava em casa carregado no braço da gente de Luzardo, não estando a sua própria mulher, não ao final dos seus excessos de copo? Por que haveria eu de referir à doença desconhecida do velho André, sobretudo quando ele sabe que "ele se demontou um pouco", conforme as palavras de Sebrão Sobrinho?

Isto não seria uma exigência da arte literária, nem estaria em com o simples bom senso. E não sou um homem de escolhas.

Não hereditário no determinismo da hereditariedade, a pesar definitivamente do destino dos homens e das suas obras. Partilhava uma interpretação do Silvio Romero - das suas muitas vitórias e dos seus derrotas - não tinha necessidade de apurar-me ao critério da hereditariedade - ao vício e à doença desconhecida do pai. Seria um exagero em que de nenhum modo incorreria. E demais nenhum motivo tinha para inquirir a uma ilustre família na quarta geração - o que certamente não caberia na intenção de um ensaio crítico.

Não, meu caro Tarquínio, eu não cometerei essa crueldade. Eu não daria divulgação, em livro, a esse sítio de família. Prefiro cortar o nome do sr. Nelson Romero do prefácio do livro. Mesmo porque, a consideração bem os fatos ao sr. Nelson Romero nada deve de importante, que merecesse um agradecimento especial. Estava eu no Rio, à procura de elementos para o meu trabalho, quando um noite, indo visitar um amigo no edifício Capilaritar, resolvi de passagem entrar à porta do sr. Nelson Romero. Disse-lhe que eu ia. E logo compreendi que o filho pouco ou nada sabia do próprio pai. Isto confessou-me claramente: ainda me não saíra da companhia paterna para atender à sua vocação sacerdotal. Tinha muitos anos sem comunicar de volta, sem receber as ordens maiores. Sylvio Romero tinha previsto esse insucesso, encontrara o pai muito velho, já nas vésperas da morte. Todavia, aconselhou-me a procurar um ser íntimo cujo nome não recordasse fúnebremente, porque, de um modo ou de outro,

Um pedido de Laudel no Freire à redação valerá-lhe não somente as cartas em que Sylvio Romero estrutura o ilustre gramático de maneira pouco amena. Foi só o que me coube ao sr. Nelson Romero. E por isso, só por isso, citei o seu nome no prefácio, como agradecimento. Não há dúvida que prífiro retrair-lhe dentre tantos outros, de pessoas que me forneceram dados de maior valor psicológico para a reconstituição da personalidade de Sylvio Romero. Até mesmo esta declaração me dará uma boa tranquilidade de consciência. E a um só tempo fácil, justa e humana.

Alinda num ponto desleal, tomar e darel por terminada esta carta. Dis textualmente o sr. Nelson Romero que o livro de José Olympio lhe permitia "a leitura rápida" das provas do "Itinerário de Sylvio Romero" para ter "a comprovação" dos fatos e episódios que se acham referidos no livro. Eu tenho dificuldade de acreditar nisso. Sou a um espírito de excessiva candura ocorreria semelhante presunção. Que credulidade apresentaria o sr. Nelson Romero para atribuir-se a liberdade de criticar ou simplesmente opinar sobre o meu ensaio? O jornalista não por si não constituiria um título suficiente. E tanto não é que até a presente data não teve o sr. Nelson Romero a disposição para escrever um livro sobre o autor da "História da Literatura", — uma biografia, um estudo crítico ou no mesmo uma síntese das ideias e pontos de vista de Sylvio Romero. E mesmo agora o sr. Nelson Romero e o diretor da coleção "Documentos Brasileiros", que é uma grande figura de intelectual necessariamente, o livreiro José Olympio não hesitaria em confiar a este a comprovação do que escrevi sobre a vida e a obra do pai sobre. Mas se ele afirma ter feito uma leitura rápida das provas do meu livro sem dúvida praticou uma leviandade que nenhum praticaria e muito menos confessaria como o fez o sr. Nelson Romero ("O Jornal" — 30-3-44).

Q. Campo Fiorito.
P.C.
Fiorito.
Q. Campo Fiorito.
P. Campo Fiorito.
Q.C.

² "Fac-Simile" da assinatura de Quirino Campolongo.

torre, possa representar a expressão que a minha sinceridade me deseja imprimir; que ela represente sempre um estímulo a quem tem capacidade para realizar o bem que não se pode obter aqui naturalmente. A senda da Arte, sempre de desafios, preceitos estranhos, e contradições desorientantes. Como é difícil encontrar a estrada. E como é mais difícil caminhar por ela e vencer o medo dos altíssimos perigos.

— Se existo? Arte Moderna traduz uma expressão plástica da alma. Arte Acadêmica contém sempre uma expressão — entendeu e por isto pouca — por seus cabulos branca gasta a si deus dos capoteles e deus. Quala coisa é enana? Hoje nas academias que há de anos não era sucoada de mestres de eu? E quando os professores de hoje não foram jens reacionários do autor? Como o mundo muda. Por isto dou sempre raos aos jores. Vira a mocidade. Vira o mitalho! A mocidade não mitalho me fugirão mitalho do corpo, mas hei de mitalho avaramente no espirito. Que que mim descido da mitalho que se deixa escapar. Fuijo. Que pena.

Quando me refiro à arte acadêmica não deixo que conjure uma com arte clássica. Nem tampouco com certo passado eterno que não chega ao seu acentuado e ridículo seria apontando do clássico.

VII — Em vez de um "Museu de Arte Moderna", uma "Galeria de Arte Livre Contemporânea". Questões são de denominação.

ção, mas exprime melhor. Com o tempo então poderia passar a denominar-se "Museu de Arte do Século XX". No âmbito museu em Arte para cursos possuidores. Quando me lembro de que fizho o meu trabalho no Museu Nacional de Belas Artes, venho a impressão estranha de que já morri. Assim, quando visto a coleção desse Museu e percebo trabalhos dos meus colegas, invade-me uma grande tristeza, por me parecer que todos eles estão mortos, no mesmo ambiente com Zeferino da Costa, Victor Meirelles, Almeida, Almeida Junior, Modesto Bronck, etc.

Penso que a criação de uma Galeria de Arte Livre contemporânea é uma coisa, que há muito se faz necessária e teria uma função educativa de grande alcance.

VIII — Deviam figurar nesta palestra os artistas que realmente são expressões da Arte de hoje, esta que denominamos de "moderna" e todos os demais elementos que por alguma forma concreta tenham contribuído para a liberdade e consequente evolução dessa arte, na pintura como na arquitetura, na escultura, e também nas artes decorativas, como o cartaz, a ilustração, as estampas originais, a fotografia, água-forte, ponta-seca, monotypo, a cerâmica, etc. Então poder-se-ia compreender muita gente, que a Arte já mudou de cenário. E poder-se-ia apreciar o bellissimo ambiente já criado pela Arte Livre do nosso século e a potência das suas características plásticas.

Quirino Campoflorito

[illegible]

"Fac-simile" de uma carta de Afonso Celso ao Visconde de Ouro Preto, datada de 9 de dezembro de 1843.

IMPRESSÕES DOS ESTALOS

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

MELO LIMA

NOVA YORK, 17 — Setembro 1943 — É tal o meu entusiasmo por esta nova vida que há tanto tempo que não tenho mais tempo para escrever. Mas, como não posso deixar de escrever, escrevo aqui algumas linhas sobre a minha vida em Nova York. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Muitas vezes tenho pensado em voltar para cá, mas as minhas condições de vida aqui são tão boas que não quero deixar de vir. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

Mudei-me para Nova York no fim de junho. Fui para Washington e depois para a cidade de Nova York. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

No trabalho o ambiente é muito bom. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Hoje, aqui, um círculo de bons amigos brasileiros. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

O verão terminou, e já começa a chegar o outono. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

Hoje é sábado. Não pude terminar ontem a carta, como eu esperava. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Digam a Caminha que fui apresentado a Dorothy Lamour, com quem dançei várias vezes numa festa recente. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Continuo com ótima saúde, felizmente. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Em sua próxima carta não deixe de enviar o número do telefone da fazenda que existe para onde, mediante arranjo prévio, eu possa vir para a minha internacional. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

11

NOVA YORK — Quando os estudos, recebi os créditos relativos a dois semestres do curso de Serviço Cívico na Universidade de Georgetown e fui transferido para um curso de Economia e Administração Comercial na Universidade de Columbia, aqui em Nova York. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Mas é a única onde posso fazer cursos noturnos aqui em Nova York. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Acabo convenientemente os meus estudos e começo a trabalhar. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Além disso, há poucos dias estou conversando com um rapaz que não parece nada mais velho do que eu e que já é diretor da fa-

brica de alcos de Laguna Santa. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Para fazer face às grandes demandas da indústria, o Brasil tem que se industrializar rapidamente. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Temos informações assustadoras, aqui, sobre o aumento constante do custo de vida no Brasil. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando comparo o que tenho feito — e o nosso país — com o que já fizeram os Estados Unidos no mesmo período, convence-me de que tenho ainda muito a fazer. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando comparo o que tenho feito — e o nosso país — com o que já fizeram os Estados Unidos no mesmo período, convence-me de que tenho ainda muito a fazer. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando comparo o que tenho feito — e o nosso país — com o que já fizeram os Estados Unidos no mesmo período, convence-me de que tenho ainda muito a fazer. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando comparo o que tenho feito — e o nosso país — com o que já fizeram os Estados Unidos no mesmo período, convence-me de que tenho ainda muito a fazer. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando. Desde que cheguei aqui, em 1940, tenho estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

Quando João Roberto, um jovem brasileiro de muito talento, veio de novo para cá, veio com a ideia de fazer um livro sobre a vida e os estudos em Nova York. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando. Ele chegou em Nova York em 1940, e desde então tem estado aqui, estudando e trabalhando.

**Arnaldo
Leão Marques**

Perdure-me, e fique certo de
que, esta seu processo, um
mais me verá na Casa de
laç. Rio de Janeiro, 24-10-89

Rio de Janeiro, 24-1-CJ.

